

REVISTA DE AGRICULTURA

DIRETORES :

Prof. N. Athanassof
Prof. Octavio Domingues
Prof. S. T. Piza Junior
Prof. Carlos T. Mendes
Prof. Ph W.C. Vasconcellos

Publicação bi-mensal de ensinamento teórico e prático

Vol. 23

Janeiro - Fevereiro 1948

N. 1-2

O PROBLEMA DO TRIGO

CARLOS TEIXEIRA MENDES

Prof. Catedrático da Escola Superior de Agricultura

“Luiz de Queiroz — Universidade de S. Paulo

Não é a primeira vez, nem será, provavelmente a última, que se ventila a questão da produção do trigo entre nós. Volta ao cenário das discussões tôdas as vezes que falta ou encarece o produto, para ser logo esquecida, quando se normaliza o mercado. Desta vez, em face da situação angustiosa em que nos encontramos, as discussões em torno desse problema assumem um carater menos comum, quase revolucionário, pretendendo alguns que produzamos o trigo de qualquer modo, mas sem ao menos indagarem dos fatores que condicionam essa produção.

Em reunião promovida pela Sociedade Paulista de Agromonia e realizada em 9 de Janeiro do corrente ano, em S. Paulo, expuzemos o nosso pensamento sôbre o assunto, resumo do que agora publicamos,

O problema do trigo está se tornando cada vez mais grave para o Brasil. De problema simplesmente econômico que fôra no passado, assume agora, não somente aquela mesma feição, por vezes mais acentuada, como a de quase humilhação em certos momentos.

Não acreditamos que o uso abundante de tal cereal confira melhores qualidades de vigor e de trabalho a qualquer povo. Antes da primeira guerra mundial, o egípcio consumia, per capita, seis vezes mais trigo que o japonês; o espanhol o dôbro do alemão; o australiano mais que o duplo do suiço.

Mas, não é só : o japonês vivia e evive de arroz (31 de trigo para 400 de arroz); o alemão sempre se alimentou mais de centêio (131 de trigo para 323 de centêio); o russo o acompanha nessas proporções, as quais se apresentam pouco inferiores para o dinamarquês (245 de trigo para 500 de centêio).

Com o empobrecimento gerado pelas duas últimas guerras, é provável que mais notável se torne a **posição do centêio** na alimentação desses povos, como ocorreu com a Alemanha, após a primeira guerra, em virtude da queda brusca da produção do trigo. (1) A cultura desse cereal é mais exigente em tudo, especialmente em relação ao solo e às adubações. Nesse país a produção de trigo de antes da última guerra para depois da mesma se expressava por sensível diminuição. Relativamente à do centêio, a produção que era antes desta segunda guerra de 100 de trigo para 124 de centêio se transformou em 100 do primeiro para 136 do segundo. (2)

Antes desta guerra, a importação de trigo por essa nação, diminuía catastróficamente (pg. 12 da ob. cit.)

Não é prova alguma de superioridade um povo consumir mais trigo que outro. Se o fôsse, em escala descendente, o in-

(1) Les forces Economiques du Monde — 1927-30 (Dresdner Bank-Berlim)

(2) Bol. FAO — Org. Nações Unidas — Março de 1947 — pg. 44

glês ocuparia o 5.^o lugar entre os povos civilizados do mundo. o americano o 9.^o e o alemão o 15.^o . . . , o suíço, pior ainda, ficaria em 18.^o lugar.

Nem a produção recorde mundial de 1928, nem o grande "Pool" canadense, para forçar maior consumo de trigo, não obstaram que a aquisição desse cereal caísse de 10% na Alemanha e na Inglaterra, e de 12 a 15% nos Estados Unidos. É que os países que se industrializam requerem (segundo os peritos do Dresdner Bank de Berlim), mais carne, mais laticínios, mais frutas.

Estas estatísticas, que provavelmente estão, pelo menos em parte, modificadas após as duas grandes guerras, e para as quais não possuímos dados atualizados, não nos servem, contudo, de consólo. A situação de fato, para nós, é a seguinte: o brasileiro habituou-se a consumir o trigo, não prescinde desse alimento, consumirá tanto mais, quanto mais se elevar o seu padrão de vida. A industrialização, ou melhor, o urbanismo, arrastando o homem do campo para as cidades, mais agravará essa situação.

De uma importação de antes da primeira guerra, que em seu máximo atingiu 8,06% do total de nossas importações, equivalendo a 8,20% do valor de nossas exportações, elevou-se para mais de 13 e de 11, respectivamente, durante o período de paz que se seguiu àquela conflagração.

Deixando de parte o período anormalíssimo desta segunda guerra, que vem de 1939 até nossos dias, observemos o que se operou entre 1929 e 1938, período êsse de crise universal, particularmente para nós, a começar pelo "crack" de Nova-York e conseqüente desastre cambial, a revolução de 30 e a guerra civil de 32.

Período anormal, consubstanciando baixa cambial constante, nêlo observamos, compulsando as estatísticas oficiais:

1.^o) — No capítulo "Gêneros alimentícios" (Classe III), êsse decênio é de todo auspicioso para o Brasil: as exportações superam, de muito, as importações, quer em pêso, quer em valor;

2.º) — Em nossas importações, o trigo, representado por mais de um milhão de toneladas, já equivale, em 1938, ao dobro (em quantidade semente) do que importávamos em 1923;

3.º) — Em valor real, ouro, absorve em 1937, 12% do valor de nossas exportações ou, com pequenas diferenças, o mesmo de nossas importações totais, ao passo que descia, em 1938, para 10%, calculados sobre qualquer daqueles dois títulos.

Proporcionalmente a situação é praticamente a mesma que durante os 16 anos que vão de 1910 a 1925, cujas médias foram de 13% sobre as importações de 10,19 sobre nossa exportações.

Se proporcional e aparentemente a nossa posição é a mesma que naquela época, na realidade não o é, pois que tendo duplicado em peso a importação de 1923 para cá, é prova de que atinge maior número de brasileiros. Mas, não é só: as variações de preço, em consequência de crises universais, ou de quedas bruscas de produção, como a que estamos presenciando em 1947, podem nos expor aos danos da especulação desenfreada, como a que atualmente nos assoberba.

Se nos primeiros cinco meses deste ano já dispendemos um milhão e quinhentos mil contos com a importação de trigo, seria provável que o ano todo nos custasse mais de três milhões, o que, todavia, não ocorre em virtude da falta de fornecedores.

Ora, esses três milhões montariam a 15% de uma exportação provável de vinte milhões de contos. Poderão nos objetar que constatamos esse fato em consequência de uma situação anormalíssima, semelhante ao que ocorreu em 1919 (15,88%), para logo se reduzir a menos de 10% e, por vários anos permanecer pouco acima dessa média. O fato é, porém, que esse fenômeno pode se repetir ou se tornar anormal, em consequência da queda de produção que já se verifica em vários países.

* * *

Estatisticamente a nossa posição não revela alterações de monta, excluídos os anos de guerra e o de nossos dias. O que

mais importa, contudo, é o fato do trigo figurar entre os elementos essenciais de nossa alimentação, o que quer dizer, de nossa vida, e a dependência a que ele nos sujeita pode se tornar perigosa em tempo de guerra, como humilhante a todo o tempo. O lado psicológico de um povo como o nosso, pouco afeito ao sacrifício, pode comprometer qualquer plano de guerra, ou de reabilitação econômica na paz. Resmungando eternamente, não há governo que o satisfaça, nem mesmo nos dias mais felizes. É bem verdadeiro o adágio popular: "em casa em que falta pão, todos gritam e ninguém tem razão".

Urge, portanto, que tomemos providências decisivas, que a nosso ver, podem ser enquadradas em duas categorias: produzir um "pão nacional" de cereais que cultivamos, ou produzir o trigo. Não há escapar desse dilema. Poderíamos ainda pensar na cultura do centêio como de sucesso muito mais provável em nosso Estado, mas devemos nos lembrar também de que os hábitos de um povo não se mudam facilmente.

Quanto ao primeiro, que deveria há muito já estar sendo estudado a fundo e com rigor, e que tem sido totalmente descurado entre nós, só a tecnologia dessa indústria poderá se pronunciar. Quanto ao segundo, é necessário discutirmos a questão com toda a objetividade, para não abraçarmos idéias infundadas, excessivamente otimistas ou pessimistas.

O problema se reveste de duas feições distintas: a técnica e a econômica. E para as discutirmos proveitosamente, raciocinemos do seguinte modo. O trigo só é cultivado economicamente, em escala apreciável, em países de invernos rigorosos, e os que lutam para fugir a esta regra, não o conseguem aquém de 30° de latitude no hemisfério sul. Senão vejamos:

1.º) A nossa vizinha República Argentina tem o máximo de sua produção na Província de Buenos Aires, quase toda ela além de 35° L. S.; Córdoba e Santa Fé, que a seguem nessa altura, localizam a maior parte de suas culturas além de 30° L. S.; Entre-Rios, à mesma latitude, não oferece à Argentina mais que 2,5% de suas colheitas.

E, no entanto, a despeito de possuir enormes planícies fér-

teis, facilmente agricultáveis por meios intensamente mecanizados, a despeito da ascensão dos preços de venda, sua cultura retrocede. Diz GARRETON, (3) fundado em dados estatísticos que exhibe, que a superfície consagrada ao trigo diminui paulatina, mas constantemente de 1938-39 para cá. Assevera, por sua vez, o "O Estado de S. Paulo" de 28-10-947, estribado em dados oficiais daquele país, que as médias de produção também retrocedem. Seja qual for a causa, é preciso não esquecer que em condições de clima e de mecanização muito mais favoráveis que as nossas, a cultura do trigo recua na planície em que, por dezenas de anos, se ostentou como definitivamente implantada e triunfante.

2.º — A República do Uruguái, situada sua maior superfície, entre 33 e 35 graus, num esforço titânico para se emancipar da importação de trigo, contando com a esplêndida Estação Experimental de Estanzuela, além da competência, dedicação e constância, de um Boerger, para uma população de 1/3 da do Estado de São Paulo (2.500.000 habitantes), presencia anos em que mal produz para seu consumo. Suas médias de produção não são nada animadoras (BOERGER, Tomo I, pg. 328) se as compararmos com as que obtivemos ou podemos facilmente obter de outros cereais.

E é tão delicada a situação enocômica dessa cultura na República irmã, que, para ser lucrativa, não suporta as despesas de "tratos culturais", ou segundo as próprias palavras de BOERGER, (Tomo I — pg. 435 : "en la actualidad la difusion generalisada de las carpidas en el cultivo triguero rioplatense es vedada por razones economicas", o que realmente é uma pena, em virtude de ser indiscutível o aumento de produção que determinariam se empregadas.

3.º — A Austrália, hoje grande fornecedora dêsse cereal, tem sua máxima superfície capaz de produzir o trigo, entre 30 e 35º L. S. Nem assim têm vivido seus agricultores em mar de ro-

(3) "A Folha da Manhã" de 25-10-947.

sas. Várias modalidades de subsídios lhes têm sido proporcionadas pelo Governo Federal, (4) em virtude do baixíssimo rendimento médio por hectare (pg. 23), o mais baixo de todos dentre os países grandes exportadores desse grão. (E. Unidos, Canadá, Argentina e Austrália). Decorre daí tendência manifesta de redução de áreas semeadas e de produção (apêndices A e B do trabalho citado).

No Hemisfério Norte só encontramos a Algéria cultivando o trigo nas visinhanças de 33° L. N., compensados pela altitude; o Egito, afastando-se desse paralelo, e não muito, conta com a irrigação.

Uma grande exceção, todavia, deparamos na Índia, que chega a produzir esse cereal nas visinhanças de 25°, em grande parte devido aos esforços da grande estação experimental de Pusa.

* * *

Ora, se nenhuma outra nação do mundo é capaz de produzir economicamente o trigo a menos de 30 graus de latitude, exceto quando premida pela fome, como é o caso da Índia, ou por condições especiais de altitude, porque é que seremos nós vencedores em tão árdua conquista ?

O nosso estado sulino tem a maior porção de sua superfície aquém desses 30 graus sem pronunciadas elevações. A compensação dessa posição geográfica, pela altitude, encontramos em Santa Catarina, região montanhosa e despovoada.

A dúvida que com estas palavras externamos, não encerra pessimismo, como já o demonstrámos em dois trabalhos (5). Ela é o produto de raciocínio idêntico ao de um dos maiores especialistas e experimentadores do continente sul-americano.

(4) FAO — Op. pg. 14

(5) "O Problema do Trigo" — Sec. Agric. S. Paulo — 1928, e, sob o mesmo título, artigos no "O Estado de S. Paulo", de 6 a 15 de Julho de 1928

BOERGER (6) assim se exprime: "El problema triguero del Brasil que supone llevar este cultivo cerealero típico de la region templada; em direccion hacia el Ecuador, es uno de los grande ejemplos contemporaneos, digno de ser citado expresamente em vista **de las dificultades que habrá que vencer** para llegar a uma solucion ampliamente satisfactoria de tan magno problema". (o grifo é nosso). Não se exprime mais otimismo ao particularizar o caso do Rio Grande do Sul (II — 215 — 16).

Se o problema se resumisse a uma questão de vontade ou de capricho, certamente já o teríamos resolvido. Desde os tempos do Império preocupa os nossos estadistas. Em nosso Estado não podem ser esquecidos os esforços incansáveis de Fernando Costa.

Mas, todos, que de tão magna questão se ocuparam seguiram trilha errada, fazendo a propaganda de uma cultura incerta, esquecedo-se que a experimentação, sob seus múltiplos aspectos, deveria ser o ponto de partida.

De tal modo de proceder, só temos colhido resultados negativos. Se continuarmos nessa senda, nunca teremos o trigo.

Não acreditamos em culturas por decreto, nem espalhafatos cabotinos, mas cremos na possibilidade da cultura do trigo nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, nas partes mais altas de Minas e Goiás e, talvez mesmo, no extremo sul de S. Palo, mediante uma das três condições, ou no seu conjunto:

1.a) — Com a transformação de nosso "Clima Econômico", isto é, quando o arroz, o feijão, o milho, a batatinha, a carne e tantos outros produtos alimentares forem vendidos em nossos meio por preços sensivelmente inferiores ao que prevalecer para o trigo, nesse momento, o tão encantado grão será cultivado por toda a parte, independentemente de decretos. Nem se diga que o fato não pode ocorrer. Quase o presenciamos neste momento, pôsto que lícito seja supor fenômeno passageiro. Mas

será, ou as condições do mundo de amanhã criarão para o trigo uma situação privilegiada ?

Não nos esqueçamos, porém, de que, ao lado do cafeeiro, do algodoeiro, da cana ou do arroz, enquanto forem senhores, como são, êsse grão não vingará. Salvo talvez para o caso especial dos arrozaes irrigados, com os quais poderia se associar, êle será um intruso; não inverterá a lei do mínimo esforço, ou do maior lucro.

2.a) Quando os nossos governos se resolverem a instalar nesses Estados, estações experimentais, como a de que dispõe o Rio Grande do Sul, em Bagé, estações de fato, que encarem o problema sob tôdas as suas modalidades.

3.a) — Encarar a produção dêsse cereal como somente compatível, em nosso Estado, com as condições de pequenas regiões, sem pretender que suas colheitas possam, vingando grandes distâncias, abastecer cidades longínquas.

A equação econômica constará, em qualquer caso, de três termos: variedades, terras e transportes.

As variedades são possíveis de serem obtidas pela genética, adaptáveis a condições várias, como já o demonstrou IWAN BECKMAN para o sul de nosso país; quanto à terra, é impossível que não exista adequada, dentro de uma superfície, que em nosso clima mais ameno, ultrapassa de 60 milhões de hectares. A questão máxima, porém, será a do transporte, que absorverá tôda a margem de lucro se o imaginarmos em grandes extensões e é por isso que, pensamos, deveríamos iniciar a cultura localizada em terras muito próprias, sendo seu produto beneficiado no próprio lugar, para o qual há pequenos moinhos adequados. O consumo local manterá a cultura, protegida pelos fretes que gravarão o seu concorrente importado. Será uma cultura se-

melhante à do feijão : são as sobras do consumo de seu pequeno produtor as abastecedoras das cidades.

Não acreditamos na grande cultura de trigo no Estado de S. Paulo, onde a motocultura não encontra ensejo de produzir todos os seus benefícios, mas cremos na pequena cultura, capaz de abastecer parte de sua população, cultura essa que, se provar bem, irá se irradiando em todos os sentidos, até onde as condições naturais de solo e de clima o permitirem.

Do exposto, e considerando-se que são imprevisíveis as condições da agricultura de amanhã, maximé no pertinente ao trigo, propomos :

1.º — Que o Estado incentive, por todos os meios, especialmente os técnicos, a cultura de outros cereais e plantas alimentares, de produção mais certa em nosso meio e, acima de tudo, o desenvolvimento da pacuária como grande fonte que é de alimentação e de possibilidades ilimitadas em nosso Estado.

2.º Que o Estado de S. Paulo crie uma Estação Experimental para o trigo, mas que o seja de fato, independente de qualquer outro instituto já existente, na região sul, provavelmente Capão Bonito, ou partes mais altas e mais adequadas dessa zona.

E que se não esqueçam os nossos homens de govêrno a edificante lição que nos proporciona a Estação Experimental de Bagé, através dos trabalhos de IWAR BECKMAN, digno êmulo de BOERGER, em nosso país. Ele diz (7) : “Durante 20 anos de trabalhos genéticos, a nossa principal atividade se concentrou em hibridações artificiais de trigo e muitos milhares de novas linhagens foram seleconadas e minuciosamente investigadas”, etc....

(7) “O Problema da Produção do Trigo no Brasil” — “O Estado de S. Paulo” de 26-10-947.

Grifámos propositalmente duas de suas expressões com o fim de chamar a atenção dos que nos lerem para as dificuldades que temos a vencer antes de encontrarmos solução definitiva para o caso particular de S. Paulo.

O triunfo foi finalmente alcançado para aquelas condições climáticas, depois de 20 anos de incessantes esforços. Quem o conquistou, assim se exprime: "**A superioridade de produção dos novos trigos sôbre o "Fronteira", por exemplo, pode ser fixada em 40% na média dos anos. Isto significa que foi criada uma base sólida para a triticultura nacional, a qual, após os frequentes e tremendos malogros registrados em anos anteriores, passará a ser uma exploração garantida e lucrativa**".

Se os grifos são da própria publicação donde tirámos êsses parágrafos, a nós só resta, uma vez mais, salientar que se não palmilharmos idêntico caminho, viveremos sempre expostos aos mesmos "**frequentes e tremendos malogros**" de que nos fala o autor, e dos quais senão convencem os homens que nos dirigem e os nossos economistas apressados.

O colaborador do "O Estado de S. Paulo", que tão proficiente e minuciosamente tratou da questão da cultura do trigo no Brasil, nos acena com uma variedade — a "Bandeirante", realmente promissora. Seja ela o "Floriana" a que se refere, seja o produto do cruzamento desta com o "Pusa 4", o fato é que alguém a fez, seguindo exatamente aquilo que sempre entendemos dever ser o início de todos os trabalhos: criar uma variedade adaptada ao nosso meio.

Que se não descanse, porém, sob os louros colhidos; a vitória apenas desponta no horizonte, ainda não está conquistada. Eis aí mais um motivo para, visando sua consolidação, criarmos uma grande estação experimental dedicada aos cereais de inverno, que, com subsídios protetores ou sem êles, precisam e devem ser cultivados em nosso País.

Construções Rurais

4.ª Edição

Prof. Orlando Carneiro

Catedrático da Escola Superior de Agricultura "Luz de Queiroz" de Piracicaba — Universidade de São Paulo

Materiais e Peças de Construção — Concreto Armado — Impermeabilizações — Revestimentos Asfálticos — Organização de Orçamentos — Habitações Rurais — Instalações Agrícolas — Instalações para Bovinos, Equinos, Suínos, Aves, Ovinos e Caprinos, Coelho, Abelhas, Instalações Rústicas, etc. — Sirgaria — Tanques para Peixes — Construções diversas: Caixas de Água, Pontes e Boeiros, Mata Burros, Postes de Concreto Armado, Portelras, Fornos para Carvão e para Cal, Drenagem, Açúdes, Saneamento, Fossas Sépticas, etc. Descrição e Desenhos detalhados.

UM LIVRO COMPLETO

Preço — Cr\$ 160,00

Pedidos — Alameda Itú, 1159 — São Paulo

Demarcação e Divisão de Terras

Sistema analítico ou

O Método das Latitudes e Longitudes

(Coordenadas retangulares)

Aplicado à medição e divisão de terras

BENTO FERRAZ DE A. PINTO

Engenheiro-Agrônomo

Preço Cr\$ 15,00, inclusive o porte - Pedidos a Plínio Ferraz de Arruda Pinto - PIRACICABA - C. P.